



SER EDITOR NO JORNALISMO INDEPENDENTE: Um estudo sobre os profissionais da Região Nordeste¹

Pedro Ítalo da Silva FARIAS

Thaís BUENO

(Universidade federal do Maranhão / UFMA)

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O jornalismo independente se diferencia dos grandes veículos pela autonomia editorial e pela proximidade com pautas sociais e de direitos humanos. Livre de dependências diretas de publicidade e apoio político, oferece maior liberdade na definição de conteúdos, tornando-se uma alternativa relevante ao modelo tradicional e ampliando o debate público em torno de questões frequentemente negligenciadas.

No Nordeste, o Mapa Cajueira (2020) identificou mais de cem veículos independentes, entre jornais, sites, blogs e podcasts. Essas iniciativas se destacam por rotinas mais horizontais, menos hierarquizadas e adaptáveis às limitações de recursos. Ao mesmo tempo, representam experiências inovadoras que reforçam o papel social do jornalismo e sua conexão direta com as comunidades locais.

Nesse contexto, os editores assumem funções múltiplas que ultrapassam a técnica editorial. São responsáveis por definir pautas, organizar a produção e revisar conteúdos, acumulando atividades que, nos grandes veículos, seriam desempenhadas

¹ Resumo expandido apresentado no GT Pesquisa na Graduação, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).

por equipes especializadas. Esse modelo, ao mesmo tempo em que sobrecarrega os profissionais, também inaugura formas alternativas de organização editorial.

Para compreender esse cenário, a pesquisa realizou entrevistas semiestruturadas (Duarte, 2005) com editores de nove estados nordestinos, sendo um de cada estado. As conversas revelaram desafios relacionados à escassez de recursos e à sobrecarga de funções, mas também evidenciaram o protagonismo do editor. Mesmo pouco reconhecida pela literatura, sua função se mostrou central para a credibilidade, a qualidade da produção e a consolidação do jornalismo independente na região.

OBJETIVOS

- Descrever as atividades comuns e as que foram abandonadas pelos atuais editores que atuam em veículos independentes no Nordeste;
- Detalhar os desafios do cargo de editor a partir da perspectiva do profissional que ocupa este cargo;

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo se fundamenta em três eixos teóricos principais:

a) Jornalismo Independente: Conceito e Relevância Democrática

Compreendido como uma prática que busca operar com autonomia em relação a conglomerados midiáticos, governos e pressões econômicas (Barbosa, 2007). Sua dimensão democratizante reside em ampliar o debate público, dar voz a comunidades marginalizadas e fortalecer narrativas locais e identitárias (Gomes, 2018). Apesar da potência, sua autonomia é tensionada pela constante busca de sustentabilidade financeira (Gomes, 2017).

b) A Figura do Editor: Funções e Transformações

O editor é definido como um agente estratégico, ético e crítico, responsável pela qualidade, coerência e relevância final do conteúdo publicado (Bucci, 2004). Sua função vai além da correção técnica, envolvendo curadoria, gestão de equipe, definição da linha editorial e garantia do interesse público (Chaparro, 1998; Pereira Junior, 2006). No contexto contemporâneo, seu trabalho tornou-se mais complexo e multifacetado (Essenfelder, 2012).

c) Panorama do Jornalismo Independente no Nordeste

A região concentra o maior número de "desertos de notícias" do país (Atlas da Notícia, 2025), tornando os veículos independentes cruciais para a democratização da informação. Estes veículos promovem uma comunicação horizontal e culturalmente conectada, combatendo estereótipos e valorizando a diversidade cultural e social da região (Gadini, 2016; Schoenherr, 2016).

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com o objetivo de compreender a atuação de editores no jornalismo independente do Nordeste. O corpus foi composto por nove editores-chefes, um de cada estado da região, selecionados a partir do Mapa da Cajueira com base em critérios como relevância, audiência e atuação contínua no ambiente digital. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas remotas semiestruturadas, realizadas no Google Meet, abordando aspectos como rotina, financiamento, definição de pautas e processo de edição.

A análise do material seguiu uma perspectiva qualitativa, permitindo interpretar o conteúdo das entrevistas em diálogo com o referencial teórico. Esse processo possibilitou a identificação de padrões, especificidades e desafios recorrentes enfrentados pelos editores, oferecendo uma visão ampla sobre a prática editorial no jornalismo independente nordestino e sua contribuição para o fortalecimento da comunicação alternativa na região.

Corpus da pesquisa

Agência Mangue (SE) - José Christian; Portal Acta (AL) - Adelaide Maria; O Corre; Diário (PI) - Luan Matheus; Portal Sotero Preta (BA) - Jamile Menezes; Marco Zero (PE) - Miguel Walker; O Pedreirense (MA) - Joaquim Gregório; Agência Saiba Mais (RN) - Cledivânia Pereira; Paraíba Feminina (PB) - Taty Valéria; ECO Nordeste (CE) - Maristela Crispim.

RESULTADOS E ANÁLISES

A análise das entrevistas revelou um panorama complexo e desafiador, mas também repleto de resiliência e compromisso.

a) Perfil e Condições de Trabalho:

Formação e Experiência: Todos os editores possuem formação em Jornalismo e passagem por redações tradicionais, onde adquiriram experiência antes de migrar para o independente. A prática na rua como repórter é vista como fundamental para a formação do olhar editorial.

Precariedade e Multifuncionalidade: A condição de trabalho é marcada pelo acúmulo extensivo de funções. Os editores não apenas editam textos, mas também pautam, reportam, gerenciam redes sociais, captam recursos e administram o veículo. A carga horária é extensa (7 a 10 horas/dia em média), frequentemente incluindo fins de semana.

Trabalho Remoto e Equipes Enxutas: A maioria das redações opera em modelo remoto e com equipes reduzidas (de 2 a 19 integrantes), o que intensifica a sobrecarga e a necessidade de adaptação.

b) Autonomia Editorial vs. Sustentabilidade Financeira:

Liberdade de Pauta: A principal vantagem apontada é a autonomia para cobrir temas negligenciados pela grande mídia, com foco em direitos humanos, movimentos sociais, cultura negra, meio ambiente e questões locais.

Insegurança Financeira: Este é o maior desafio unânime. Os veículos não contam com financiamento estável de grandes anunciantes. Sobrevivem de um mix frágil que inclui: editais públicos, grants (bolsas de fomento), financiamento coletivo, doações de leitores e parcerias pontuais com organizações da sociedade civil. Muitos editores recorrem a recursos próprios ou a outras atividades profissionais para subsistir.

c) Rotina e Processos Editoriais:

Definição de Pautas: Processo geralmente coletivo e horizontal, baseado em critérios de relevância social, ineditismo, escuta social (demandas de movimentos) e urgência factual. Edição de Conteúdo: A edição é colaborativa, iniciando-se na discussão da pauta. O editor atua como um orientador, garantindo rigor na apuração, clareza narrativa, contextualização e checagem de fatos, mas com respeito à voz e ao estilo do repórter.

Criação de Títulos: Processo também colaborativo. O repórter sugere, e o editor ajusta com foco em clareza, precisão, SEO (Otimização para Mecanismos de Busca) e rejeição ao sensacionalismo (clickbait). A alteração de títulos após a publicação para ganho de engajamento é rara.

d) Uso de Inteligência Artificial (IA):

Resistência Majoritária: 6 dos 9 editores não utilizam IA em nenhuma etapa do processo jornalístico. O principal motivo é a preocupação com a perda de autenticidade, originalidade e credibilidade, valores centrais do jornalismo independente.

Uso Pontual e Técnico: Os demais veículos utilizam IA de forma limitada e assistiva, para tarefas como: transcrição de entrevistas, geração de descrições de imagens (acessibilidade), sugestões de SEO e correção gramatical. O conteúdo editorial principal permanece estritamente humano.

e) Estratégias de Enfrentamento:

Para lidar com a sobrecarga e a falta de recursos, os veículos adotam estratégias como: Revezamento de funções entre a pequena equipe; Contratação pontual de freelancers; Flexibilização de horários e prazos. Priorização da qualidade sobre a quantidade, focando em reportagens aprofundadas em detrimento do volume de hard news.

CONSIDERAÇÕES

O estudo evidenciou que os editores do jornalismo independente nordestino são profissionais multifacetados e resilientes. Embora atuem em condições de trabalho precárias, marcadas pela insegurança financeira e pelo acúmulo exaustivo de funções, mantêm um forte compromisso ético e social com seu ofício.

Sua atuação ultrapassa os limites da técnica editorial, pois assumem também papéis de gestores e estrategistas, tornando-se defensores de um jornalismo livre de interesses corporativos, capaz de amplificar vozes silenciadas, fortalecer identidades locais e contribuir de maneira decisiva para a pluralidade informativa e a democratização da comunicação no Brasil.

A pesquisa alcançou seu objetivo ao dar visibilidade a essa função crucial, elucidando como esses profissionais lidam com as transformações do mercado. No campo econômico, buscam modelos alternativos e diversificados de financiamento que

possibilitem a sobrevivência dos veículos. No aspecto ético, mesmo diante de recursos escassos, priorizam a qualidade, a precisão e o interesse público. Já no âmbito identitário, constroem narrativas autênticas que reforçam vínculos comunitários e fortalecem a cidadania, reafirmando a importância do editor como protagonista no jornalismo independente.

REFERÊNCIAS

ATLAS DA NOTÍCIA. Desertos de notícias e as novas fronteiras do jornalismo no Nordeste. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900–2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUCCI, Eugênio. Sobre ética e imprensa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Edição em jornalismo impresso. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

ESSENFELDER, Renato. O editor e seus labirintos. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GADINI, Sérgio; SCHOENHERR, João. Jornalismo alternativo: identidades culturais e comunicação comunitária. Curitiba: Appris, 2016.

GOMES, Wilson. Comunicação e democracia: problemas e perspectivas. In: BARBOSA, Marialva; MATA, Maria (org.). Comunicação e democracia: tensões e desafios. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 35-57.

MAPA DA CAJUEIRA. Plataforma colaborativa de mapeamento da mídia independente no Nordeste. 2020. Disponível em: <https://mapadacajueira.org>. Acesso em: 20 fev. 2024.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Guia para edição jornalística. São Paulo: Vozes, 2006.